

# PARA ALÉM DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA: CAPITALISMO E GUERRAS COLONIAIS EM MAURIZIO LAZZARATO<sup>1</sup>

*Matheus Guimarães de Barros<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo busca contribuir para as discussões teóricas a respeito da filosofia política e social de Maurizio Lazzarato. A partir de uma revisão bibliográfica, com foco nos escritos mais recentes do autor italiano publicados no Brasil, procurei compreender as conexões que ele estabelece entre capitalismo e colonialismo, sobretudo no que se refere à questão da guerra. Responsável por uma obra intelectual em transformação contínua, (auto)crítica, atualmente Lazzarato tem reavaliado as suas influências marxistas e foucaultianas, em particular acerca da dominação colonial e escravagista, bem como das suas reverberações racistas no mundo contemporâneo, fundamentais para a própria sobrevivência do capital. Amparado em outras fontes epistemológicas, tomando o capitalismo enquanto multiplicidade de modos de produção e destruição, que engloba ontologicamente a subjugação extrema de corpos racializados e cuja história se caracteriza por inúmeros conflitos e massacres, Lazzarato amplia e diversifica as perspectivas sobre a violência intolerável do sistema capitalista, expandida pela hegemonia global do neoliberalismo, e acentua a urgência de alternativas teórico-políticas revolucionárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maurizio Lazzarato. Capitalismo. Colonialismo. Guerras. Revolução.

---

<sup>1</sup> Dedico este artigo ao querido professor José María Gómez, por ser fonte de inspiração humana e intelectual.

<sup>2</sup> Doutorando em Teoria do Estado e Direito Constitucional e Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: prof.matheusgbarros@gmail.com. Orcid: 0000-0002-7209-2050.

## **BEYOND PRIMITIVE ACCUMULATION: CAPITALISM AND COLONIAL WARS IN MAURIZIO LAZZARATO**

**ABSTRACT:** This article aims to contribute to theoretical discussions on the political and social philosophy of Maurizio Lazzarato. Through a literature review focusing on the Italian author's latest Works published in Brazil, I sought to understand the connections he establishes between capitalism and colonialism, particularly concerning the issue of war. Engaged in an intellectually evolving and (self)critical body of work, Lazzarato is currently reevaluating his Marxist and Foucaultian influences, especially regarding colonial and enslavement domination, as well as their racist reverberations in the contemporary world – fundamental to the survival of capital itself. Drawing on other epistemological sources, taking capitalism as a multiplicity of modes of production and destruction, which ontologically encompasses the extreme subjugation of racialized bodies and whose history is characterized by countless conflicts and massacres, Lazzarato expands and diversifies perspectives on the intolerable violence of the capitalist system, intensified by the global hegemony of neoliberalism, and emphasizes the urgency of revolutionary theoretical and political alternatives.

**KEYWORDS:** Maurizio Lazzarato. Capitalism. Colonialism. Wars. Revolution.

## **MAS ALLA DE LA ACUMULACION PRIMITIVA: CAPITALISMO Y GUERRAS COLONIALES EN MAURIZIO LAZZARATO**

**RESUMEN:** Este artículo pretende contribuir a las discusiones teóricas sobre la filosofía política y social de Maurizio Lazzarato. A partir de una revisión bibliográfica, centrada en los escritos más recientes del autor italiano publicados en Brasil, busqué comprender las conexiones que establece entre capitalismo y colonialismo, especialmente en lo que se refiere a la cuestión de la guerra. Responsable de una obra intelectual en continua transformación, (auto)crítica, Lazzarato reevalúa actualmente sus influencias marxistas y foucaultianas, en particular en lo que se refiere a la dominación colonial y esclavista, así como a sus reverberaciones racistas en el mundo contemporáneo, fundamentales para la propia supervivencia del capital. Apoyándose en otras fuentes epistemológicas,

asumiendo el capitalismo como una multiplicidad de modos de producción y destrucción, que abarca ontológicamente la subyugación extrema de los cuerpos racializados y cuya historia se caracteriza por innumerables conflictos y masacres, Lazzarato amplía y diversifica las perspectivas sobre la intolerable violencia del sistema capitalista, ampliada por la hegemonía global del neoliberalismo, y subraya la urgencia de alternativas teóricas y políticas revolucionarias.

**PALABRAS CLAVE:** Maurizio Lazzarato. Capitalismo. Colonialismo. Guerras. Revolución.

## INTRODUÇÃO

Pelo menos desde o seu exílio para a França, no início dos anos 1980, fruto da perseguição política à luta operária autônoma na Itália, o teórico social Maurizio Lazzarato tem produzido uma obra viva, oxigenada pela irreverência e por críticas ácidas, das quais nem o próprio autor escapa ileso. Tal qual a “filosofia do martelo” nietzschiana, o pensamento de Lazzarato carrega em si a potência da afirmação, que para se realizar implica um processo quase destrutivo, de ataque a novas e velhas teorias, incluindo as suas, a fim de acompanhar as complexidades dinâmicas do mundo real.

Nesse movimento intelectual contínuo, visivelmente aberto ao repensar, a outras referências analíticas e epistemológicas, Lazzarato explora caminhos multifacetados, nem sempre se doando por inteiro a cada um deles, mas de qualquer modo se permitindo a experiência, cujos reflexos aparecem na forma de conceitos e categorias diversas, bem como em redefinições teórico-políticas de problemas e interpretações consideradas “clássicas” das Ciências Sociais no Ocidente. A despeito da volatilidade, ou melhor, da “vivacidade” do seu trabalho, é possível identificar o atravessamento de um grande fio condutor, representado pelo estudo crítico do capitalismo e de suas transformações. De fato, o significado do capitalismo, seu caráter instável e os impactos de natureza variada que acarreta, jamais perderam a centralidade nas reflexões do nosso pensador italiano.

Longe de se pretender um balanço completo da obra de Lazzarato, o que certamente demandaria um alto nível de erudição, especialmente considerando os tantos meandros e (des)continuidades dos seus – também inúmeros – textos, o presente artigo procura discutir as relações que o autor estabelece entre capitalismo e colonialismo em escritos mais recentes. Ao introduzir a questão colonial como elemento imprescindível para o surgimento histórico e para as mutações do capitalismo, Lazzarato se posiciona, ainda que com tensões declaradas, como um aliado em potencial das narrativas e lutas atuais dos povos “racializados” contra o poder imperialista e racista ocidental. Além disso, evidencia os limites e perigos das teorias críticas e das estratégias anticapitalistas que simplesmente ignoram ou não conferem a devida importância ao fator racial<sup>3</sup>.

Segundo Maurizio Lazzarato (2022), o capitalismo nunca se limitou à exploração do trabalho abstrato, assalariado, pois sempre precisou extorquir violentamente o trabalho gratuito ou pelo menos desvalorizado de determinados sujeitos e recursos que o sistema “inclui” apenas na condição de excluídos da humanidade, do espaço político e da esfera dos direitos. As mulheres, a natureza e, particularmente, os grupos colonizados e racializados, foram, e continuam sendo, vítimas de uma desenfreada “acumulação por apropriação”, sem a qual o capitalismo não conseguiria garantir a virtuosidade da cadeia de valor. É por isso que, ao lado das “ilhas de trabalho abstrato”, trabalho supostamente livre, assalariado, em alguma medida institucionalizado e juridicamente reconhecido, cuja referência está na Europa e no Norte do mundo, o capitalismo traz consigo “oceanos de trabalho não assalariado”, frequentemente gratuito, escravizado ou servil, infantil, não reconhecido e desvalorizado, situado preponderantemente em regiões periféricas e empobrecidas do Sul global.

Todo ato de exploração do ‘trabalho abstrato’ implica uma quantidade ainda maior de trabalho não remunerado, expropriado, saqueado, roubado. A cada operário numa

---

<sup>3</sup> O sexismo e o patriarcado, assim como os fenômenos migratórios e as catástrofes ecológicas, também têm ganhado cada vez mais espaço na obra de Lazzarato. Tais pontos, todavia, embora articulados, não serão discutidos em profundidade neste artigo. Eis uma tarefa por vir...

usina deve-se associar um grande número de escravizados, indígenas, colonizados, mulheres, quilômetros quadrados de terras, florestas, minas, rios etc. para que a produção seja rentável (LAZZARATO, 2022, p. 49).

A referência marxista “capital-trabalho”, nesse caso um trabalho assalariado, lhe soa insuficiente. Pensar as taxas de lucro unicamente a partir das teorias da mais-valia, absoluta e relativa<sup>4</sup>, também parece um procedimento muito restrito, andro e eurocêntrico. Para Lazzarato (2022), o capitalismo, ao invés de um único modo de produção, é formado por uma multiplicidade deles, incluindo os modos de produção “patriarcal-doméstico-heterossexual” e “racial-escravagista-servil”, que não se reduzem àquele entendido como propriamente capitalista, baseado na relação capital-trabalho, embora totalmente implicados em sua organização. Isso conduz a uma redefinição dos conceitos de “classes sociais” e “luta de classes”, que agora se pluralizam e ganham mais heterogeneidade, a fim de abarcar os vínculos conflitivos entre homens e mulheres e entre brancos e não brancos. Lazzarato (2022, p. 13) também reconhece que as próprias classes são “compostas, atravessadas, divididas por minorias”, tornando ainda mais complexa a análise crítica do capitalismo<sup>5</sup>.

Parodiando uma passagem célebre do *Manifesto Comunista*, onde Karl Marx e Friedrich Engels (2010, p. 43) afirmaram que, com o sistema burguês, “tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar”, Lazzarato (2022) rebate: nem tudo! Ora, o capitalismo não apenas manteve modalidades de exploração e de dominação ditas “arcaicas” ou “tradicionais”, como a escravidão, a servidão e o patriarcado, mas também soube perfeitamente

---

<sup>4</sup> Basicamente, a “mais-valia absoluta” é extraída prolongando-se a jornada de trabalho, enquanto que a “mais-valia relativa” decorre do aumento da produtividade, seja pela intensificação do tempo laboral ou pelo incremento tecnológico.

<sup>5</sup> As componentes da classe “mulheres”, por exemplo, são fragmentadas em mulheres brancas e negras (minorias), ricas e pobres (minorias), heterossexuais e lésbicas (minorias) etc. cujas reivindicações não são as mesmas, podendo inclusive se atritarem. Essa lógica vale igualmente para as “classes raciais” e dos trabalhadores, o que exige um pensamento estratégico de quaisquer teorias e ações políticas que visem rupturas revolucionárias com o capitalismo e as suas formas correlatas de dominação e exploração.

bem se aproveitar delas, intensificando os dualismos e as hierarquias que as sustentam, a tal ponto que se tornaram fundamentais para o seu próprio funcionamento. O trabalho moderno capitalista, “livre e remunerado”, jamais substituiu ou dissolveu esses “arcaísmos” impostos, sobretudo, aos corpos “generificados” e “racializados”, para quem o referencial marxista capital-trabalho encontra as barreiras mais significativas.

## CAPITALISMO E COLONIALISMO

O sangue africano cimenta os tijolos das fábricas e bancos de  
Liverpool e Manchester.

Éric Alliez e Maurizio Lazzarato, *Guerras e Capital*, p. 51.

Historicamente, o capitalismo só foi possível por causa dos empreendimentos coloniais europeus. Tanto é que Maurizio Lazzarato e Éric Alliez (2021, p. 16) identificaram 1492 como o “ano 1 do capital”, tendo sido as *plantations* escravistas o seu grande laboratório. A colonização das Américas, com o uso generalizado da escravização de mão-de-obra africana, forneceu as condições econômicas do sistema-mundo capitalista e da divisão internacional do trabalho, partindo geopoliticamente o planeta entre Norte e Sul globais, “centros” e “periferias”. Os efeitos coloniais, com diferentes matizes e formas, são sentidos paralelamente nos dois lados do Atlântico, numa espécie de “dupla colonização”, externa e interna, que também provoca outra fratura decisiva entre o “dentro” e o “fora” da Europa. Se, no lado de fora, vige o estado de exceção permanente, guerras ilimitadas, arbitrariedades, violências e explorações totais como normas de funcionamento, no lado de dentro prevalece um tipo de contraponto, ou seja, a soberania estatal, o direito e o constitucionalismo do chamado “mundo civilizado”, guerras regulamentadas e formas de exploração relativamente contidas. Em suma, o “dentro” e o “fora” são co-constitutivos, interdependentes.

Nesse sentido, o colonialismo se mostrou indispensável tanto para o desenvolvimento econômico e tecnológico quanto para a moderna constituição política do Ocidente. O capitalismo, que em momento

algum existiu como “pura economia”, pois sempre articulou diferenças hierárquicas e guerras extra econômicas, raciais, sexuais, civilizatórias etc., teve na experiência colonial o seu grande baluarte. Inclusive, para Lazzarato e Alliez (2021), foi ali que se delineou um “modelo majoritário de subjetividade”, identificado na figura do homem “macho”, branco, ocidental e adulto. Esse modelo instaura relações de poder e dominação que inervam toda a operacionalidade do sistema capitalista, a nível global, ainda hoje. Em diálogo com o sociólogo peruano Aníbal Quijano, Lazzarato (2022) resgata o sentido da “colonialidade do poder”, entendida como uma lógica racista, iniciada com a “guerra de conquista” das Américas e estruturada ao longo do século XVI, mas que sobrevive ao fim do colonialismo, cujo principal produto é consolidar uma assimetria absoluta entre brancos e não brancos, respectivamente “sujeitos de direitos” e “corpos viventes”, irredutível à economia.

O moderno sistema mundial nasceu ao longo do século XVI. A América – como entidade neossocial – nasceu ao longo do século XVI. A criação desta entidade neossocial, América, foi o ato constitutivo do moderno sistema mundial. A América não foi incorporada numa economia-mundo capitalista já existente. Uma economia-mundo capitalista não teria acontecido sem a América (QUIJANO & WALLERSTEIN, 2019, p. 135, tradução minha).

De acordo com Quijano (2019), a “colonialidade”, fundada na imposição de uma classificação racial/étnica hierárquica à população do mundo inteiro, é uma pedra angular do padrão de poder capitalista moderno, que nasce e se globaliza a partir da América Latina. Como bem sintetiza a antropóloga argentina Rita Segato (2021, p. 80), ao enlaçar definitivamente a colonização do continente americano pela Europa às origens e todos os caminhos do capital, Quijano inaugurou “uma percepção mais lúcida da estreita ligação entre racismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade”.

Importante frisar que, apesar das dinâmicas violentas que o colonialismo também inseriu dentro das metrópoles, as massas operárias exploradas no centro ainda receberam os “dividendos da colonização”

(ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 141), ou seja, elas tiveram certos privilégios diante dos povos submetidos à barbárie do jugo colonial, o que se evidencia pelo apoio de boa parte do proletariado europeu às ofensivas colonialistas estatais. Isso faz lembrar as críticas que a saudosa professora Lélia Gonzalez (2018), aqui no Brasil, dirigia aos intelectuais e ativistas de esquerda que, sob o manto do “mito da democracia racial”, dissolviam as questões de “raça” nos problemas de “classe”, ignorando, por exemplo, que a exploração capitalista não incide da mesma maneira sobre brancos e negros, e que os brancos pobres também recebem os “dividendos do racismo”.

A maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas. Isto significa, em outros termos, que se pessoas possuidoras dos mesmos recursos (origem de classe e educação, por exemplo), executando sua afiliação racial, entram no campo da competição, o resultado desta última será desfavorável aos não-brancos (GONZALEZ, 2018, p. 99).

Para Lazzarato, um dos grandes limites das obras de Marx e de vários marxistas diz respeito a um certo confinamento da questão colonial à chamada “acumulação primitiva”, entendida como uma fase, deveras necessária, mas passageira para o desenvolvimento do capital. Em sua interpretação, pelo contrário, “a acumulação primitiva é o processo de criação contínua do próprio capitalismo” (ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 48). Isso quer dizer que a violência da colonização, o roubo, o saque, a expropriação, a pilhagem, os dualismos hierárquicos e as guerras de classes, portanto raciais, sexuais etc., acompanham toda a história do sistema-mundo capitalista. O “capitalismo é, consubstancialmente, um ‘mercado’ da subsunção mundial que inclui, em sua própria realidade, a criação contínua e racialmente baseada da acumulação colonial” (ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 135).

## O COLONIALISMO E AS GUERRAS DO CAPITAL

As distinções entre paz e guerra, entre guerra regular e guerra irregular, entre o militar e o civil, abolidas nas guerras totais em um verdadeiro processo de “descivilização” (Norbert Elias), nunca existiram nas colônias. A colônia era o espaço desumanizado em que os Estados, submetidos no teatro europeu de operações ao “direito das gentes”, podiam e mesmo deviam se entregar à mais selvagem e mais racional brutalidade, sem nenhum limite “antropológico”, sem nenhum “senso guerreiro de honra” ou de heroísmo individual. Éric Alliez e Maurizio Lazzarato, *Guerras e Capital*, p. 182.

Por falar em guerras, Lazzarato insiste no caráter bélico do capitalismo, nas guerras como forças que lhe são inerentes ou ontológicas. Desde a sua gênese colonial, o capitalismo traz “em seu bojo as guerras [assim] como as nuvens trazem a tempestade” (ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 11). Essa multiplicidade de guerras abrange tanto os conflitos entre as potências estatais quanto dentro de cada Estado, num emaranhado de guerras civis, de classes, raciais, contra as mulheres etc. É que “sem fluxo de guerra, sem fluxo de violência racista, sexista, nacionalista, os fluxos abstratos, impessoais, da moeda, do direito etc. não teriam a menor chance de ser operacionais” (LAZZARATO, 2019, p. 78).

O militarismo é um elemento essencial da máquina produtiva e política [capitalista] desde o seu nascimento [...]. Depois da conquista da América, a Europa tinha mergulhado num ciclo de conquistas coloniais e de desenvolvimento que se autoalimentava [...]. Ao saquear as colônias, o aparelho econômico-militar se apropriava à força dos recursos necessários para o crescimento, e as receitas fiscais e comerciais alimentavam, por sua vez, a corrida armamentista. A supremacia europeia sobre os outros povos se devia essencialmente a uma superioridade tecnológica que se materializava no campo militar (LAZZARATO, 2023, p. 60).

Se toda a história do capitalismo é uma história de guerras mais ou menos encadeadas, a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais do século XX representaram ao mesmo tempo uma confirmação radical desse percurso nefasto e o estabelecimento de um “novo paradigma marcial” cujos reflexos continuamos a experimentar. Lazzarato as compreende como “guerras totais”, na medida em que se dirigiram contra “todos e cada um”, contra as fontes materiais, subjetivas e morais de nações e populações inteiras. Foram guerras que capturaram tudo, que exigiram a mobilização da economia, da política e das sociedades, da comunicação, da ciência e da técnica, uma “megamáquina de produção para a guerra” (LAZZARATO, 2023, p. 34) que aglutinou as mais distintas atividades.

Desencadeia-se uma corrida louca em busca de novas invenções e novas descobertas que têm por finalidade o aumento da potência de destruição: destruir o inimigo, seu exército, mas igualmente a população e ainda as infraestruturas do país. Esse processo tem seu desfecho na construção da bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial. A ciência, expressão máxima da criatividade e da produção do ser social, amplia de maneira radical a potência de destruição: doravante, a bomba atômica coloca em discussão a própria sobrevivência da humanidade (LAZZARATO, 2023, p. 36).

As “guerras totais”, de acordo com Lazzarato, possuem uma matriz colonialista, e basicamente evocam um tipo de retorno da brutalidade colonial para dentro da Europa, em efeito bumerangue. Ora, o que autores como Aimé Césaire (2020) e Frantz Fanon (2022) revelam é justamente o caráter totalizador da violência que consome as colônias, as fraturas e maniqueísmos sociais que tornam a vida comunitária impraticável, as tantas formas de extermínio, a devastação de territórios, a desumanização e as “zonas de não ser” que inviabilizam qualquer reconhecimento recíproco: “o que o colonizado viu em seu solo era que podiam impunemente prendê-lo, espancá-lo, matá-lo de fome; e nenhum professor de moral, nenhum padre jamais veio apanhar no seu lugar nem dividir com ele o

pão” (FANON, 2022, p. 41). As principais características das “guerras totais”, fundamentalmente guerras contra a população, com a sua produção de “morte industrial, morte em massa” (ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 183), com o seu recurso ao massacre como modo de governo, sempre fizeram parte do colonialismo, sendo até mesmo a sua condição de realidade.

Aimé Césaire repetidamente afirmou: excluída da arte ocidental da guerra, a violência colonial termina por se voltar contra as populações europeias. Após ter saqueado o planeta inteiro, a Europa desencadeia contra si mesma os métodos aplicados às colônias. A lista é longa: do duplo genocídio das Américas à ordem de ‘solução final’ dada em 1904 pelos alemães contra os hererós em sua colônia no sudoeste africano, ou aos campos de concentração inventados pelos ingleses na Guerra dos Bôeres; do primeiro bombardeio improvisado sobre uma colônia italiana na Líbia ao uso massivo de metralhadoras, sem as quais a *British South Africa Company* teria perdida a Rodésia... A força destinada a civilizar os ‘bárbaros’ se volta contra o ‘Norte’ capitalista, aplicando com a mesma ciência e racionalidade da produção à produção da destruição. E, se isso é plena e tecnicamente possível, é porque as colônias foram, até o início da Primeira Guerra, o laboratório dos novos sistemas que imporiam a teoria ‘quantitativa’ da guerra industrial contra as nações inimigas e a nova barbárie que elas encarnam em cada um dos campos (ALLIEZ & LAZZARATO, 2021, p. 184).

O colonialismo, com o seu cheiro mórbido (BARROS, 2024), um “odor de pólvora”, pressupõe um “desprezo pelo ser humano em seu espírito, desprezo pelo ser humano em sua carne, desprezo pelo ser humano em sua alma” (FANON, 2021, p. 107). Segundo Césaire (2020, p. 26), no clássico *Discurso sobre o colonialismo*, a Europa responde “perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história”. O nazismo, que afetou tão drasticamente o continente europeu, não pode ser lido como o marco do genocídio, tampouco como uma enorme novidade

nas práticas de violência estatal. Sem negar o horror do universo concentracionário nazista, onde, como infelizmente testemunhou Primo Levi (2022), os internos perambulavam rodeados de muros e de “senhores da morte”, na iminência não apenas de morrer, mas de morrer no tormento, Aimé Césaire procura colocar em evidência o fato de que os métodos genocidas aplicados, sobretudo, aos judeus na Segunda Guerra, em grande medida já vinham sendo utilizados há muito tempo nas colônias fora da Europa, sem que isso causasse tanta indignação. Vem daí a conclusão de Césaire (2020) no sentido de que aquilo que parece “imperdoável” em Hitler não estaria tão ligado ao seu crime em si, um crime contra a humanidade em si, mas à ousadia de cometê-lo contra os próprios brancos, no continente europeu.

Enfim, a partir das “guerras totais”, o caráter bélico do capitalismo, a sua “natureza predatória, destrutiva e mortífera” (PELBART, 2020, p. 04), atingiu um outro patamar. Um complexo industrial-militar se tornou ainda mais importante para os ciclos econômicos, e a capacidade de produzir e de destruir tem sido continuamente ampliada, ameaçando a própria possibilidade de vida, humana e não humana, nesses tempos apocalípticos. Os conflitos passaram a focalizar, principalmente, mas não exclusivamente, as populações, os civis e as suas diferenças internas. Além disso, sem jamais substituir as guerras sangrentas, várias “guerras não sangrentas”, com armas econômicas de destruição em massa, têm ganhado particular relevância, esbanjando resultados não menos viscerais.

## NEOLIBERALISMO E ATUALIZAÇÕES COLONIAIS

O que se chama de neoliberalismo produz não concorrência, mas fortalecimento dos monopólios e oligopólios [...]; não autorregulação, mas o desenvolvimento selvagem de todos os desequilíbrios possíveis; não a democracia, mas um Estado forte, autoritário, une democracia compatível com o fascismo; não uma nova “produção” biocognitiva, mas apropriação, despossessão, pilhagem e roubo pela finança. Maurizio Lazzarato, *O que a guerra da Ucrânia tem a nos ensinar*, p. 23.

Para Maurizio Lazzarato, o capitalismo, mesmo em sua manifestação neoliberal, jamais se caracterizou por aquilo que o filósofo francês Michel Foucault (2022, p. 98) uma vez chamou de “antiestatismo”, “angústia” ou “fobia do Estado”. A bem da verdade, o capitalismo sempre foi político, uma “máquina bicéfala”, máquina de duas cabeças, *Capital* e *Estado*, que atuam de forma conjunta, embora não se identifiquem completamente<sup>6</sup>. No caso específico do neoliberalismo, Lazzarato (2019) enfatiza a sua genealogia real, violenta e autoritária, para ele ignorada por certa tradição foucaultiana<sup>7</sup>. As guerras civis, a sanha fascista e as ditaduras militares na América Latina, incluindo o Brasil, mas especialmente no Chile do general Pinochet, tiveram um papel central para o triunfo histórico do neoliberalismo, servindo-lhe como uma espécie de primeiro laboratório. Mesmo no campo teórico, as formulações neoliberais de economistas consagrados,

---

<sup>6</sup> Nas palavras de Lazzarato (2023, p. 113), “o capitalismo é, de qualquer modo, uma máquina bicéfala Capital e Estado, economia e política, produção e guerra, que age de modo orquestrado a partir da formação do mercado mundial, embora com tensões e contrastes, porque a lógica do lucro não é idêntica à lógica da potência. O Estado é territorial, o Capital tende continuamente a sair do território, mas ele não pode se globalizar sem o Estado e este último tem necessidade do Capital para viver dentro da globalização. Sem Capital sua soberania é vazia, sem salários e renda, sem trabalho e *welfare*, sua legitimidade é fraca, sua força interna e externa depende da produção. [...] A integração Capital/Estado se realiza gradualmente, sem nunca se fundir em um todo orgânico”. Vale dizer que, ainda segundo Lazzarato, o capitalismo não é, em todo parte, uma única e mesma coisa, pois existem diferentes formas de se organizar essa máquina bicéfala. Os Estados Unidos e a China, com as suas claras diferenças, são, atualmente, os exemplos mais emblemáticos desse argumento.

<sup>7</sup> Lazzarato, que em trabalhos mais antigos se apropriou bastante da “caixa de ferramentas” foucaultiana, passou a criticar uma parte importante de suas teorizações, notadamente os conceitos que Michel Foucault começa a mobilizar a partir de meados dos anos 1970, sobretudo para refletir sobre a ascensão do neoliberalismo, como “capital humano”, “empreendedorismo de si”, “biopolítica” etc. Mas é preciso ser justo com Foucault e reconhecer que, dentro do seu pensamento a respeito da “governamentalidade neoliberal”, a figura do Estado não desaparece, nem mesmo a sua face violenta, mas surge com uma “raiz econômica”, enquanto “Estado econômico”, cuja legitimidade é conferida pela própria economia, e não o contrário: “trata-se na verdade de uma nova programação da governamentalidade liberal. Uma reorganização interna que, mais uma vez, não pergunta ao Estado que liberdade você vai dar à economia, mas pergunta à economia: como a sua liberdade vai poder ter uma função e um papel de estatização, no sentido de que isso permitirá fundar efetivamente a legitimidade de um Estado?” (FOUCAULT, 2022, p. 121).

como Friedrich Hayek, não parecem incompatíveis com maneiras assustadoras de instrumentalização da violência estatal.

As duras críticas de Lazzarato à analítica do poder de Foucault e aos cursos ministrados pelo filósofo francês a partir da metade dos anos 1970 merecem um texto à parte. Em suma, Lazzarato acredita que Foucault “pacificou” a sua teoria sobre as relações capitalistas de poder, tendo substituído o modelo da guerra pelo da biopolítica e da governamentalidade. A necessidade do capitalismo, em geral, e do neoliberalismo, em particular, de usar sistematicamente forças brutais e violências extremas para assegurar a dominação e a sujeição dos “vencidos” parece ter ficado de fora do seu radar. O foco no continente europeu e nos Estados Unidos também eclipsou a desigualdade da emergência e da disseminação do novo regime pelo mundo. Como dito acima, no Sul global, na América Latina, foi a violência armada, *made in USA*, responsável pelo exílio, pela tortura, pelo assassinato e pelo desaparecimento de corpos de milhares de pessoas, que sustentou a escalada do potentado neoliberal. Além disso, Foucault teria desvalorizado as experiências e estratégias revolucionárias, sobretudo as do século XX, antecipando o cenário contemporâneo de impotência diante da hegemonia do neoliberalismo, com as suas guerras civis e imperialistas, por vezes dissimuladas, um cenário marcado pela falta de armas teóricas e políticas efetivamente comprometidas com a revolução. Aos leitores e às leitoras interessados/as em se aprofundar nesse debate, sugiro a leitura dos capítulos 3 e 4 do livro “*O que a guerra da Ucrânia tem a nos ensinar*”.

O neoliberalismo, longe de se reduzir às categorias foucaultianas, é apresentado nos trabalhos mais recentes de Maurizio Lazzarato a partir de vários aspectos. Obviamente, não abordarei todos eles. Interessa-me, aqui, como no resto do artigo, pensar o lugar ocupado pelas dinâmicas bélicas e coloniais em sua argumentação. Não tendo nada de liberal, diz o nosso autor italiano, o neoliberalismo acompanha a longa história de guerras e predações coloniais do sistema capitalista, ao mesmo tempo que tempera essa história com grandes novidades tecnológicas, culturais, políticas e econômicas. Por todos os lados, enquanto os Estados pregam uma cultura de austeridade, as riquezas se concentram, a cada dia mais, nas mãos de

alguns poucos, culminando na ampliação contínua das desigualdades. Monopólios e oligopólios industriais e financeiros acumulam hoje um poder inaudito. As capacidades de produção do capitalismo atingiram níveis inéditos, comparáveis unicamente à sua potência multiplicada de destruição, de engendrar crises e catástrofes planetárias.

Conectados a tudo isso, vê-se o avanço do autoritarismo e a corrosão da forma democrática, ainda que se trate de uma democracia parcial e limitada, porque liberal. O fascismo é a outra face do neoliberalismo, afirma Lazzarato (2019): um novo fascismo proveniente de uma mutação do fascismo histórico. A maior diferença é que, agora, esse fascismo é ultra-liberal, atua em favor do mercado, da empresa, da iniciativa individual, do “empreendedorismo de si”, ao mesmo tempo que reivindica um Estado forte para reprimir os grupos e corpos indesejados, rotulados “inimigos”. Para essa finalidade repressora, os governos são levados a abusar de medidas de exceção e de práticas militarizadas.

O novo fascismo neoliberal, ademais, carrega um racismo de novo tipo. O racismo atual é uma mutação do racismo colonial e da guerra contra os povos colonizados. Cada vez mais, para Lazzarato, o racismo tem substituído o fundamento “biológico” pelo fundamento “cultural”, sem deixar de produzir os seus efeitos de poder e violência, persistindo como técnica de controle, divisão, segregação e inferiorização. A xenofobia e a islamofobia crescentes, sobretudo no Norte, exemplificam bem esse argumento. Muros, fronteiras, *checkpoints*, detenções, expulsões e mortes de migrantes e refugiados também. Fora as represálias e perseguições às atividades de ajuda humanitária.

Para piorar esse quadro dramático do neoliberalismo, o império global das finanças, do crédito e das dívidas tem colocado “países inteiros de joelhos” (LAZZARATO, 2023, p. 53), configurando outras modalidades de colonização que conjugam guerra, economia e política em verdadeiros “terrorismos financeiros” (PELBART, 2019). O endividamento e a financeirização, de acordo com Lazzarato (2023), são opções “menos sanguinárias” de se guerrear, ou melhor, elas são sanguinárias de um jeito diferente, talvez até mais eficaz, e que nunca exclui a possibilidade de derramar sangue, literalmente.

Essas opções bélicas, primeiramente aplicadas na África, depois na América Latina e no Sudeste Asiático, espalharam-se ao redor do mundo. Mesmo na Europa e nos Estados Unidos, mais e mais pessoas têm sido capturadas no circuito da dívida, compondo o painel da “financeirização da pobreza”. Para Lazzarato (2019), trata-se de uma integração ao mercado que tende a acentuar, estruturalmente, as hierarquias entre classes e minorias, bem como as iniquidades sociais. Portanto, inclusive no Norte, o neoliberalismo amplifica a precariedade, a vulnerabilidade e o empobrecimento de boa parte da população, impondo-lhe um desemprego crônico, trabalhos gratuitos ou trabalhos sub-remunerados. Eis uma espécie de “endocolonização”, de “colonização íntima”, como se a linha que antes separava as metrópoles das colônias, o centro da periferia, fosse replicada internamente.

Quando o capital terminou de colonizar o planeta, ele começa a colonizar seu próprio centro, criando as condições do velho Sul que implicam a desvalorização do trabalho, do *welfare*, das condições de vida do proletariado, forçando o trabalho gratuito ou mal pago de milhares de pessoas, ou seja, fazendo surgir um novo ‘fora’ para se apropriar (LAZZARATO, 2023, p. 106).

O ímpeto militarista do capitalismo, como disse anteriormente, não foi apagado, nem sequer atenuado. A paz é estranha ao sistema-mundo capitalista: “querer a paz sem abolir o capitalismo é um absurdo ou uma ingenuidade”, lembra Lazzarato (2023, p. 12). O complexo industrial-militar, associado a um complexo industrial-prisional, permanece mais indispensável do que nunca. A construção de prisões e de celas, a produção de armamentos, equipamentos e veículos de guerra, inclusive com o uso de tecnologias de ponta, marcha a passos largos. Tais espaços e objetos são utilizados contra os “insurgentes” da ordem neoliberal, corpos escolhidos a dedo. Eles servem, aliás, à satisfação dos desejos capitalistas, autoritários e neocoloniais, das principais potências mundiais.

Quanto mais bombas caem, mais populações são trucidadas, mais armas são construídas, mais o valor do dólar permanece alto ou sobe, sendo possível emitir mais dólares em grande quantidade e atrair capitais que são retirados dos países pobres e em vias de desenvolvimento (LAZZARATO, 2023, p. 108).

No Brasil, e particularmente no Rio de Janeiro, as atualizações coloniais do neoliberalismo manifestam a sua brutalidade mais horripilante no genocídio da juventude pobre e negra (Barros, 2024), amontoada em favelas e periferias nas quais o direito e as garantias constitucionais simplesmente não chegam, mas onde a máquina bicéfala Capital/Estado investe toda a sua violência bélica. Cenários de horror, com poças de sangue em vielas e massa encefálica nas paredes, corpos sem vida, mutilados, deixados no meio da rua ou lançados em valas clandestinas; feridas abertas na pele e na alma, choros compulsivos e revolta, gritos de dor e de raiva; meninos jogados no camburão sob a mira de fuzis; meninas sexualmente violentadas por agentes públicos, homens fardados, sem poder denunciá-los; casas invadidas sem mandado judicial, movimentos controlados e diversão reprimida etc. – essas cenas acompanham o cotidiano militarizado de territórios empobrecidos de maioria negra. Como afirmam Lazzarato e Alliez (2021), o massacre é um modo burguês de governar!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU SOBRE A URGÊNCIA DA REVOLUÇÃO ANTE UM PRESENTE INTOLERÁVEL**

Maurizio Lazzarato tece duras críticas, por vezes demasiado genéricas e, inclusive, injustas, às teorias pós-coloniais e perspectivas decoloniais. Parte dessas críticas decorre de uma certa ansiedade e preocupação do autor frente àquilo que denomina “eclipse da revolução” (LAZZARATO, 2022). Para ele, de modo semelhante aos pensamentos radicais das décadas de 60 e 70 e de seus herdeiros intelectuais, que buscaram elaborar alternativas teóricas ao marxismo<sup>8</sup>, as teorias pós-coloniais e

---

<sup>8</sup> Lazzarato (2022) faz menção a uma série de autores, muito distintos entre si, tais como Michel

as perspectivas decoloniais estariam contribuindo para um processo de “pacificação” do capitalismo, na medida em que geralmente suprimem a necessidade de uma ruptura revolucionária, o que, segundo Lazzarato (2022), as afastam dos próprios povos colonizados, que jamais abdicaram das práticas de resistência e do imperativo da revolução. Os movimentos sociais e políticos contemporâneos também se encontram, pelas lentes do nosso filósofo italiano, impregnados dessa profunda “despolitização”, operando as suas lutas apenas na defensiva, sem conseguir se contrapor à máquina capitalista com a força e as estratégias das quais precisa a contravolência revolucionária.

Embora não concorde totalmente com Lazzarato, não dá para fechar os olhos diante dessa sua inquietação genuína. É preciso nos atentarmos para o arrefecimento da revolução, de vocabulários e táticas revolucionárias, aparentemente sugadas pelo “moinho satânico” do neoliberalismo. Se assumirmos que as guerras e a colonialidade são elementos constitutivos do sistema-mundo capitalista, como as superaremos sem destruir o capitalismo em si mesmo? Ora, sem estabelecer qualquer fórmula mágica, Lazzarato nos convida, na forma de um sério apelo, a retomar as reflexões sobre a revolução, indicando as condições indispensáveis para tanto nos dias atuais. As peculiaridades e as complexidades do tempo presente exigem novas e criativas abordagens teórico-políticas.

As classes sociais, bem mais heterogêneas do que indicou a referência marxista capital-trabalho, fragmentadas em diferentes minorias, trazem dificuldades adicionais para a formação das subjetividades revolucionárias, mas também guardam uma potência destruidora nada desprezível. Lazzarato (2022) considera o *Coletivo Combahee River*, ativo em Boston entre 1974 e 1980, formado em grande parte por mulheres negras e lésbicas, bem como o próprio feminismo negro, em autoras da envergadura intelectual de bell hooks e Patricia Hill Collins, como bons exemplos de usos estratégicos da multiplicidade de classes e minorias, que devem se articular, embora sem pretensões de homogeneização, contra o capitalismo e todas as suas formas de dominação e exploração, todas

---

Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Antonio Negri e Michael Hardt, Pierre Dardot e Christian Laval, Giorgio Agamben, Jacques Rancière, Ernesto Laclau etc.

as relações de poder que o acompanham. Esses exemplos, por um lado, colocam em evidência as distinções e até as contradições no interior das classes, mas, pelo outro, reconhecem a importância de uma certa “coalizão” contrária a todo um sistema de opressões e violências que funciona de modo integrado. É o que Maurizio Lazzarato (2022, p. 299) chama de “negação afirmativa”: “elas transformam aquilo que as ‘diferencia’ de outros oprimidos em ‘oposições’ e se afirmam ao se opor, retirando toda a autonomia da negação e subordinando-a à afirmação”.

O esforço de conscientização feminista [dominante] não foi capaz de estimular as mulheres a abraçar políticas revolucionárias. Na maioria dos casos, não conseguiu ajudá-las a compreender o capitalismo – seu funcionamento como sistema de exploração do trabalho feminino e suas interconexões com a opressão sexista. Não despertou nas mulheres a urgência para aprender sobre os diferentes sistemas políticos, a exemplo do socialismo, nem as encorajou a inventar e vislumbrar novos sistemas políticos. Não atacou o materialismo e o vício consumista de nossa sociedade. Não mostrou às mulheres como nós, nos Estados Unidos, somos beneficiárias da exploração e opressão de mulheres e homens de toda parte do globo, nem mostrou formas de fazer oposição ao imperialismo. E, o mais importante de tudo, não insistiu em fazer com que as mulheres compreendessem que o movimento feminista para acabar com a opressão sexista só pode ser bem-sucedido se estivermos comprometidos com a revolução, com a construção de uma nova ordem social (HOOKS, 2019, p. 231-232).

Ainda assim, lhe “parece faltar a obsessão dos antigos revolucionários” (LAZZARATO, 2022, p. 303), algo que deve ser prontamente recuperado e colocado na ordem do dia. Para Lazzarato, a revolução é “urgente” porque o presente é “intolerável”. Superar o capitalismo se mostra, principalmente nos dias de hoje, quando “o mundo só existe em curto prazo, o tempo de retorno do capital investido” (LAZZARATO, 2022,

p. 39), como uma necessidade vital, de humanos e não humanos ameaçados de desaparecimento por uma série de guerras e catástrofes globais. A clausura da violência totalizante nas colônias ainda é o que asfixia um número cada vez maior de “condenados da terra”, resgatando Frantz Fanon (2022). Portanto, tomemos como lição as lutas dos povos colonizados, que “resistem a poderes gigantescos” (HOOKS, 2019, p. 237) e rompem com o historicismo da dialética marxista para declarar uma revolução imediata, “aqui e agora”, e não lançada às incertezas do futuro.

## REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Éric; LAZZARATO, Maurizio. *Guerras e Capital*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- BARROS, Matheus. *Prisão ou vala: (necro)política de drogas e territórios sitiados no Rio de Janeiro pós-ditadura*. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2024.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Editora Veneta, 2020.
- FANON, Frantz. *Escritos políticos*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Ligia F. Ferreira e Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão com revisão de Cláudia Berlinder. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. UCPA – União dos Coletivos Pan-Africanistas (org.). Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- HOOKS, bell. A revolução feminista: desenvolvimento por meio da luta. In: HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

- LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução?: o neoliberalismo em chave estratégica*. Tradução de T. Wakamatsu e F. Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- LAZZARATO, Maurizio. *O intolerável do presente, a urgência da revolução: minorias e classes*. Tradução de P. Taam e F. Taam. São Paulo: n-1 edições, 2022.
- LAZZARATO, Maurizio. *O que a guerra da Ucrânia tem a nos ensinar*. Tradução de Felipe Shimabukuro. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.
- PELBART, Peter Pál. *Ensaio do assombro*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- PELBART, Peter Pál. Biopolítica e brutalismo em chave estratégica. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 17, p. 01-10, 2020.
- QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. La americanidad como concepto o América en el mundo moderno-colonial. In: MIGNOLO, W. (org.). *Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade del poder y clasificación social. In: MIGNOLO, W. (org.). *Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.
- SEGATO, Rita. Aníbal Quijano e a perspectiva da colonialidade do poder. In: SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Tradução de Danú Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

Texto recebido em 18/02/2025 e aprovado em 11/06/2025